

ISSO É CALYPSO: JOELMA E O MICROFONE DE TRANSMISSÃO DE SIGNIFICAÇÕES E EMOÇÕES DA METÁFORA

Bruno de Jesus Espírito Santo¹
Wellington Furtado Ramos²

Resumo – Ultrapassando o pensamento preconceituoso e discriminatório que diz que ritmos advindos das massas populares, como o Axé, o Carimbó e o Arrocha, não mereceriam prestígio social tal qual a Bossa Nova ou a MPB, a cantora brasileira Joelma lança, em Belém do Pará, em 1999, um ritmo que faz o Brasil ficar em estado de febre: o Calypso. Nesta proposição acadêmica que valoriza a cultura paraense, este trabalho busca averiguar se duas músicas famosas interpretadas pela artista supracitada – Eclipse Total (Álbum 10, 2007) e Cupim de Coração (EP Minhas Origens, 2019) – foram textualmente estruturadas e processadas pelas metáforas. Compreendendo a linguagem figurada como um instrumento sociocognitivo de empreendimento de sentido no discurso em uso (VEREZA, 2007), esta pesquisa reflete como ela pode ser caracterizada um verdadeiro portal de construção e transmissão de significações, emoções e corporeidades.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Metáfora. Emoções. Joelma. Calypso.

THIS IS CALYPSO: JOELMA AND THE MICROPHONE TRANSMITTING THE MEANINGS AND EMOTIONS OF THE METAPHOR

Abstract – Overcoming the prejudiced and discriminatory thinking that says that rhythms coming from the popular masses such as Axé, Carimbó and Arrocha do not deserve social prestige such as Bossa Nova or MPB, the Brazilian singer Joelma launched in Belém do Pará in 1999 a rhythm that makes Brazil stay in a state of fever: the Calypso. In this academic assessment that values of the culture of Pará, this work seeks to find out whether two famous songs performed by the aforementioned artist – Eclipse Total (Album 10, 2007) and Cupim de Coração (EP Minhas Origens, 2019) – were textually structured and processed by the metaphors. Understanding figurative language as a socio-cognitive instrument for

1 Mestrando em Letras (UFMS). E-mail: bruno.gel@hotmail.com

2 Doutor em Letras (UFMS), docente do corpo permanente do Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UEMS). E-mail: furtado.ramos@ufms.br

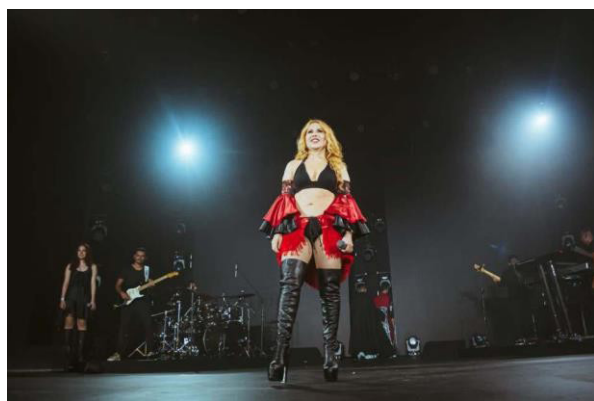
the development of meaning in the discourse in use (VEREZA, 2007), this research reflects how it can be characterized as a true portal for undertaking and transmission of meanings, emotions and corporeities.

Keywords: Cognitive Linguistics. Metaphor. Emotions. Joelma. Calypso.

Introdução

Em Breves vai rolar, 10 anos de sucesso, é a melhor festa do estado do Pará! Canta Joelma, na música de seu primeiro álbum de estúdio dos anos 90, “Brega Fô”, sob o delírio de mais de 20 mil fãs na gravação do projeto do DVD Isso é Calypso Brasil Tour (2022-2023). Em comemoração aos mais de 25 anos de surgimento do ritmo do Calypso, a cantora deve percorrer, nesse intervalo de tempo, as mais diversas cidades brasileiras a fim de que possa reunir aqueles que, desde a infância, a ouvem e se emocionam com a energia contagiante de sua voz e de suas performances.

Figura 1 – Joelma



Fonte: Site Oficial de Joelma (2023).

Apesar da pujança nacional que tem essa artista desde a explosão do gênero musical que criou em 1999, poucos são os trabalhos científicos que buscaram analisar academicamente a contribuição dessa expressão regional e sociocultural para a formação da identidade brasileira. Freitas (2016) reflete sobre a relevância da apresentação dos figurinos de Joelma em suas performances musicais como marcas de sua identidade paraense. Campos (2017) retrata a biografia da cantora, delineando os pon-

tos sob os quais a experiência de ser criada sob as influências da alma do povo nortista contribuiu para a formação de sua carreira. Em pesquisa no Google Acadêmico, constatou-se que apenas há o artigo de Silva, Reis e Acácio (2018) enviado na Ciência Linguística. Publicado na revista Porto das Letras, o texto em questão analisa o papel dos construtos linguísticos na construção da música “Voando pro Pará”, música marco do lançamento da carreira solo de Joelma em 2016.

Visto isso, com a finalidade de tentar diminuir a escassez dos estudos sobre o fenômeno do Calypso, este trabalho propõe-se a averiguar, por meio da análise de conhecidas canções cantadas por Joelma, se a linguagem figurada possui perfil agentivo e empreendedor nessas expressões socio-discursivas; de modo a refletir, assim, sobre a singular relevância desse instrumento de processamento da linguagem para a transmissão de músicas entrelaçadas de significados, emoções e corporeidades.

Isso é Calypso: Joelma e o ritmo que conquistou o Brasil

Vendedora de mais de 20 milhões de discos, indicada três vezes ao Grammy Latino e vencedora do troféu de “Melhor Show” do Prêmio Multishow 2017, Joelma da Silva Mendes encanta, desde 1999, os corações brasileiros com o famoso e incomparável grito Isso é Calypso!. Nascida às margens do Rio Amazonas, na cidade de Almeirim (PA), Joelma vem de uma origem bastante humilde. Em uma família composta por seis irmãos e sua mãe, Maria de Nazaré da Silva Mendes foi criada em um regime de valores cristãos (CAMPOS, 2017). Seu pai abandonou sua

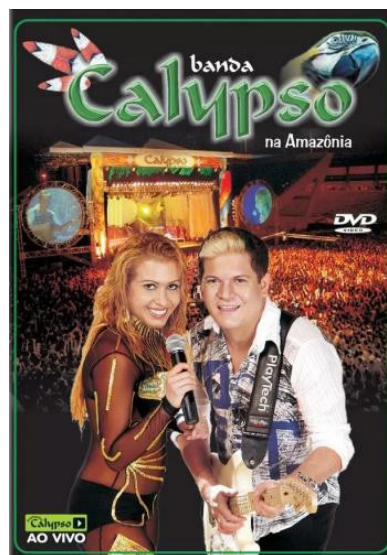
mãe; conforme depoimento da artista e de seus familiares, ele era bastante violento, por isso Dona Maria precisou recorrer a serviços de costura para sustentar os seus filhos. Na infância e na adolescência, Joelma se divertia brincando de futebol e de pião, tendo mais amigos meninos do que meninas (LAGO; SOUZA; FERREIRA, 2020).

Interessada pela área da advocacia e do direito, não tinha intenção de ingressar na carreira artística “por temer as instabilidades que caracterizam a vida arriscada nas estradas e, sobretudo, a desvalorização da sua cultura taxada por estereótipos e que prejudicava aqueles que buscavam sobreviver no ramo da música” (LAGO; SOUZA; FERREIRA, 2020, p. 213). Contudo, pelos valores cristãos que recebeu, concebeu que o dom de cantar foi um presente concedido por Deus, aceitando assim a sua “missão” de levar sua voz ao mundo.

Começou a cantar em bares e eventos de sua pequena cidade de Almeirim (PA), ficando famosa na localidade após se apresentar na Feira de Arte e Cultura do município. Com os seus 19 anos, recebeu o convite para fazer um teste para ser cantora da Banda Fazendo Arte, de Belém, capital do seu estado. Após se apresentar para a produção da banda, foi aceita, passando 4 anos se apresentando em diversos shows com eles (CAMPOS, 2017). Depois de sua passagem pela banda, Joelma resolveu criar a Banda Eu, cujo título se referia à própria cantora, que tinha medo de colocar o seu nome no logotipo do seu trabalho e não ser aceita. Procurando artistas para lhe ajudar na produção de suas músicas e com as questões vocais, Joelma conhece o produtor musical Kim Marques. Com o seu grande conhecimento artístico, Kim resolveu convidar um guitarrista artístico no Pará na época pelo seu trabalho a fim de que Joelma se destacasse em seu desenvolvimento musical. Tendo sido apresentados, a amizade flores-

ceu e a parceria deu certo. A ponto dos dois engatarem um romance. Em 1999, Joelma e Ximbinha formam o grupo musical que fará um ritmo genuinamente brasileiro e nortista explodir nacionalmente nos anos 2000, a Banda Calypso.

a 2 – Banda Calypso



Fonte: Google Imagens.

Durante os anos 2000, Joelma lança junto a Ximbinha diversos CDs e DVDs, dentre os quais estão os famosos Banda Calypso na Amazônia (2004) e Banda Calypso pelo Brasil (2006), este último recebeu o título de diamante quádruplo, sendo um dos discos físicos mais vendidos na história da indústria fonográfica brasileira. Em 2015, devido a problemas conjugais o casal citado se separa e Joelma parte para carreira solo. Devido a esse acontecimento, a cantora até pensou em seguir carreira gospel, mas, devido aos diversos pedidos dos fãs que imploravam para que ela não abandonasse o ritmo contagiante que criou, ela desistiu da guinada de estilo. Em 2016, ela lança o seu primeiro trabalho audiovisual denominado Avante, gravado na cidade de São Paulo para mais de 10 mil pessoas, e, em 2020, lança o DVD comemorativo 25 anos gravado, ao vivo, em Goiânia (GO) para mais de 20 mil pessoas.

Atualmente Joelma segue pelas cidades ao redor do Brasil divulgando a Isso é Calypso Tour (2022-2023), na qual ela busca trazer aos fãs as lembranças e as memórias dos seus principais lançamentos com o ritmo do Calypso. Músicas como “Pra Te Esquecer”, “Anjo” e “Cúmbia do Amor” levam o público à loucura logo quando seus primeiros toques ecoam nos shows da turnê.

A Teoria da Metáfora Conceptual e os seus desdobramentos sociocognitivos e discursivos

Desde a Antiguidade, considerações sobre a linguagem figurada são tecidas. Na obra *Arte Poética*, por exemplo, Aristóteles fala do processamento metafórico como um construto linguístico que permite o transporte de significados (da espécie para espécie, em sua ponderação) (SARDINHA, 2007). Outro que também indagou sobre a figuratividade foi Platão, ao ponderar que as manifestações linguísticas possuíam funções de naturezas distintas. Para o filósofo, a linguagem figurada distorcia a imagem real do mundo, sendo ela um instrumento de embelezamento fantasioso da linguagem, cabendo somente aos poetas e grandes retóricos o seu uso nas construções de discursos peculiares (SOUSA, 2016). A visão de que ela trazia, na verdade, grandes prejuízos à audiência por não transparecer na fala os fatos do mundo de maneira literal atravessou, desta forma, séculos, se tornando ainda mais restritiva a partir do reducionismo da retórica que, segundo Genette (1975), retirou a responsabilidade da metaforicidade sob os aspectos lógico-discursivos da língua. Tal fato permitiu que durante muito tempo este construto linguístico fosse visto apenas, como assinala Vereza (2010), como um elemento que “não tem papel central na produção de sentidos” (p. 202), ou seja, supérfluo.

Contudo, com o advento dos estudos da linguagem e com as novas descobertas científicas, essa visão é questionada na década de 80 por dois pesquisadores americanos que trazem, segundo Soares da Silva & Leite (2015), uma “reviravolta nos estudos da metáfora” (p. 1). Estes são George Lakoff e Mark Johnson, que, contrapostos aos postulados do inatismo do linguista Noam Chomsky, formam, com o lançamento de *Metaphors We Live By* (1980), a Linguística Cognitiva (doravante LC).

Segundo Ada Sousa (2016), a LC:

tem como objeto de investigação os mecanismos mentais envolvidos nos processos de construção de sentidos, partindo da ideia de que a cognição humana se constitui pelas relações que estabelecemos com o mundo por meio de nossas experiências sensório-motoras e vivências de cunho sociocultural (p. 130).

Dentre esses instrumentos de construção de sentido estaria a metáfora, a qual, segundo Lakoff & Johnson (1980), estrutura a forma como pensamos, agimos e sentimos o mundo. Metáforas como *A VIDA É UMA VIAGEM*³ em sentenças, tais quais *Nosso relacionamento andou, andou e não chegou em lugar nenhum!*, *AMOR É UM SER HUMANO* em *O amor destruiu com a minha vida!* e *CORPO É UM RECIPIENTE* em *Eu estava cheio de raiva!* seriam fulcrais na produção da linguagem humana. Em termos de classificação, elas teriam quatro: as *ESTRUTURAIS* seriam aquelas em que um determinado conceito abstrato é modulado cognitivamente por experiências concretas; as *ORIENTACIONAIS* referem-se a experiências com direções, como em *BOM É PARA CIMA* e *RUIM É PARA BAIXO*; as *ONTOLÓGICAS* serviriam para conceber a uma enti-

³ Método tradicional em Linguística Cognitiva para assinalar o agenciamento da metáfora em empreendimentos discursivos.

dade abstrata em termos de uma concreta como em INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE; e as de PERSONIFICAÇÃO quando um elemento não humano recebe as suas características como em A LOUCURA É UM ASSASSINO. No nível cognitivo, essas metáforas traçariam uma projeção conceptual, na qual um domínio de natureza enciclopédica concreta (domínio-fonte) projetaria, para modelagem do sentido de um determinado conceito, sobre um domínio de natureza abstrata (domínio-alvo).

Essa primeira apresentação da Teoria da Metáfora Conceptual, é, como assinala Vereza (2010), sem sombra de dúvidas, importantíssima para o desenvolvimento de novas pesquisas e novos achados acerca da figuratividade. Diversos trabalhos foram desenvolvidos: é possível encontrar milhares de teses, dissertações e artigos sob os mais diversos temas utilizando-se do arsenal teórico-metodológico da Linguística Cognitiva no website Google. O que sinaliza a singularidade da primeira versão dessa teoria. Contudo, com o avanço das discussões acerca da potencialidade da linguagem figurada no discurso, pesquisadores como Salomão (1999), Kövecses (2005), Vereza (2007) e Soares da Silva & Leite (2015) começam a questionar as proposições da obra seminal da Semântica Cognitiva *Metaphors We Live By* (1980). Uma das primeiras críticas seria acerca do papel da metáfora na cognição, pois, fazendo parte de um “inconsciente cognitivo coletivo” (VEREZA, 2010, p. 205), todas as metáforas conceptuais serviriam e seriam utilizadas do mesmo modo por todos os falantes das diversas línguas ao redor.

É que no livro de Lakoff & Johnson (1980) os autores trazem exemplos que são considerados como “inventados”, eles não seriam tirados exatamente de extratos autênticos da linguagem e do discurso plenamente em uso. Kövecses (2005) questiona tal proposição falando sobre a variabilidade cul-

tural. Como sabemos, a depender da região de cada indivíduo, seus costumes, hábitos, e até falares sobre um determinado assunto ou objeto, podem ser diferentes, por isso, a metáfora, ao ser um fenômeno conceptual, sociocultural, neuropsicológico, linguístico e corporal não poderia ser tratada e analisada de maneira universal. Isso lembraria, pois, aos moldes do inatismo “chomyskiano” que tem como principal tese a autonomia da faculdade da linguagem com a Gramática Universal.

Outra crítica é a de que a linguagem seria somente uma “fonte de dados” (VEREZA, 2010, p. 207) e não o lócus da metáfora, ou seja, o depósito da metaforicidade e não o gerador dela. Diante disso, constatou-se que é na chamada viragem social da Linguística Cognitiva (SOARES DA SILVA & LEITE, 2015) que o lócus autêntico da linguagem figurada é, na verdade, o discurso, pois é nele que aspectos sociocognitivos, linguísticos e pragmáticos se encontram para tecer a figuratividade (VEREZA, 2010), e, logo, os sentidos por ela textualmente modelados. Analisar a linguagem metafórica atualmente, é muito mais do que simplesmente dizer ou apontar quais metáforas fazem parte de um construto linguístico hipotético, mas sim para além de sinalizar a emergência dela, é aferir o que é que ela está fazendo ali, ou seja, o seu papel na produção de sentidos.

Nesse sentido, metodologias modernas foram criadas para a análise da metáfora no discurso, a saber, a proposta do nicho metafórico de Vereza (2007), que enfoca o fenômeno da figuratividade como um recurso organizacional do texto, valorizando a sua função como dispositivo. O método do nicho metafórico, idealizado a partir de pesquisas na área da biologia, remete a ideia da formação de uma rede que constitui o todo, ou seja, no discurso, no aqui e agora, toda uma rede metafórica seria tecida para estruturar um parágrafo (VEREZA, 2010), por exemplo,

possibilitando ao falante dessa maneira, a possibilidade de costurar com efetividade (dizemos: com todas as cargas enciclopédicas, afetivas, subjetivas, psicológicas, ideológicas etc.) o seu “projeto de dizer” (KOCH, 2002).

Dado o exposto, ao quisermos examinar como a metáfora coopera para o empreendimento do “projeto de dizer” de duas canções interpretadas pela cantora Joelma, invocamos aqui estas construções teórico-metodológicas da Linguística Cognitiva apresentadas, por verificarmos que ela possui uma das melhores abordagens teóricas para que seja possível “jogar luzes” sob a cognição humana, de natureza intersubjetiva, simbólica, psicoafetiva e perspectivada (TOMASELLO, 1999).

Estimulada por trabalhos como os de Abreu (2015), que verificou o papel da linguagem figurada na estruturação linguística das significações das emoções e de Santo (2021) que apontou a função da metaforicidade na constituição interna de textos musicais, essa pesquisa traz em tela agora um contexto sociocultural, artístico e regional, ainda não totalmente abraçado pela Semântica Cognitiva: Joelma, o Calypso e o estado do Pará.

Análise de dados

A fim de averiguarmos se a metáfora possui um papel agentivo e constitutivo nas canções interpretadas pela cantora Joelma, bem como qual a relevância da presença da metáfora na constituição textual interna das canções, analisaremos, em primeira mão, a música Eclipse Total (Álbum 10, 2008). Escrita por Michael Sullivan e Paulo Ricardo, esta foi selecionada para fazer parte do leque de composições a serem interpretadas e homenageadas pelo DVD Banda Calypso 10 anos (2010), produto audiovisual comemorativo deste grupo musical. O clipe dela possui

mais de 220 mil visualizações no website de vídeos Youtube.

Veja-se:

Quatro da madrugada
Eu não consigo pensar
em nada

A não ser na falta que
você me faz Novamen-
te a saudade imensa
Novamente essa tua
ausência

- (1) Teima, insiste em me
fazer sofrer
- (2) A saudade está em
tudo
- (3) A saudade permane-
ce oculta No fundo
de cada pensamento
meu
- (4) A saudade é a razão,
da dor, da sensação
Da perda que pesa
em cada sentimento
teu

É triste o final de uma
paixão

- (5) Eclipse total do cora-
ção
- (6) É por isso que eu
abraço essa saudade
- (7) Eu abraço a solidão
- (8) A saudade está nas
gavetas

E nas fotografias e nas
letras de músicas

Que eu ouço sem parar
A saudade é uma espé-
cie de veneno

É um vício, é um tipo de
água-ardente

- (9) Amarga, que me
queima por dentro
- (10) não posso mais
ficar assim Tanto tem-
po longe de você é
por isso que eu es-
tou aqui Pra te dizer

que eu quero que
Você volte pra mim.
(SULLIVAN; RICARDO,
2007).

Ao lermos atentamente o conteúdo da canção, é possível perceber que ela conta o fim de uma história de amor e as respectivas dor e sofrimento de um dos amantes pela saudade e pela falta da outra pessoa ao seu lado. A música se constitui como um verdadeiro apelo, como uma espécie de “ladainha”, nela o sujeito que sofre se embasa em suas emoções para argumentar a favor de que o outro se convença de que ela a merece de volta. Para modelar essa tessitura textual e linguístico-cognitiva, foi possível aferir que os compositores dessa canção – Marcos Sullivan e Paulo Ricardo – utilizaram-se do instrumento de construção e processamento da linguagem da metáfora (VEREZA, 2007, 2010) para disponibilizar a intérprete da mesa – a cantora Joelma – textos estruturados com todas as mensagens e intencionalidades discursivas objetivadas e almejadas.

No DVD Banda Calypso 10 anos (2010), “Eclipse Total” é cantada para mais de 30 mil pessoas, onde, na apresentação do seu primeiro parágrafo é dito “Quatro da madrugada / Eu não consigo pensar em nada / A não ser na falta que você me faz / Novamente a saudade imensa / Novamente essa tua ausência (1) Teima, insiste em me fazer sofrer”. No trecho destacado, é possível assinalar em (1) a presença da metáfora SENTIMENTO É UM SER HUMANO já que se a saudade é conceptualizada figurativamente nesse excerto com características humanas (marcadas pelos verbos insistir e fazer), o sentimento/sensação é compreendido em termos de um indivíduo que tem atitudes, ações. Em seguida, na exposição da parte “(2) A saudade está em tudo / (3) A saudade permanece oculta / No fundo de cada pensamento meu / A saudade é a razão, da dor, da sensação /

Da perda que pesa em cada sentimento teu”, é possível apontar em (2) o uso da metáfora SENTIMENTO É UM ELEMENTO ONIPRESENTE, pois como afirma a letra da canção, ele está em toda parte. Em (3) as metáforas SENTIMENTO É UM SER HUMANO e O PENSAMENTO É UM ESCONDERIJO fazem uma congruência cognitivo-discursiva para emergir a imagem, uma construção simbólica do que é uma pessoa sentir subjetivamente a falta de alguém que se ama.

Figura 3 – Joelma cantando “Eclipse Total” para mais de 30 mil pessoas em Recife (PE)



Fonte: DVD Banda Calypso 10 anos (2010).

Dando continuidade à melodia, Joelma canta no show o refrão da canção: “É triste o final de uma paixão / (4) Eclipse total do coração / (5) É por isso que eu abraço essa saudade /

Eu abraço a solidão”. Para ilustrar o sofrimento sentido pela pessoa apaixonada, é transmitida a conceptualização elaborada em (4) pela metáfora PAIXÃO É UM FENÔMENO DA NATUREZA a fim de tentar se descrever o que se desenvolve no interior subjetivo do indivíduo quando um relacionamento termina. Ao final do parágrafo, isso é singularmente ilustrado por meio das metáforas em (5) e (6) SENTIMENTO É UM SER HUMANO, já que segundo o que se quer passar por meio do uso da figuratividade, é que se separar da pessoa amada é abraçar,

em síntese, a tristeza.

Após a parte principal da canção, segue-se a seguinte mensagem: "(7) A saudade está nas gavetas / E nas fotografias e nas letras de músicas / Que eu ouço sem parar / A saudade é uma espécie de veneno / É um vício, (8) é um tipo de água-ardente / Amarga, que me queima por dentro". Em (7) o sentimento humano da saudade é delineado cognitivo-discursivamente como um elemento físico, ontológico, pois é isso que os indivíduos geralmente guardam em gavetas, neste caso, a metáfora SENTIMENTO É UM OBJETO aparece processando o sentido dessa parte da música neste trecho. Em (8) o SENTIMENTO É UMA SUBSTÂNCIA VENE-NOSA, já que se a sensação de saudade da pessoa amada parece-se com a vivência de ingerir um líquido ácido, essa experiência é transmitida pela metáfora citada para que se transmita com efetividade aos interlocutores a atmosfera de dor que causa a solidão e a separação sob como ela se sente psicologicamente, culturalmente e socialmente pelos brasileiros. Visto isso, é certo dizer que a linguagem figurada age como um verdadeiro pincel de produção e ponte transmissão discursiva das significações estruturadas, conceptualizadas e entrelaçadas para essa música, tornando-se um instrumento de difusão do conteúdo conceptual, psicoafetivo e emocional dela.

Em carreira solo nos anos de 2019, Joelma lança o EP *Minhas Origens* com canções que buscavam valorizar o som e a musicalidade do Pará. Nele está a música "Cupim de Coração", letra romântica escrita por Chrystian Lima, Elivandro Cuca e Renato Moreno que possui, só no Youtube, mais de 920 mil visualizações em seu videoclipe.

Leia-se:

Eu vou cortar o mal pela raiz
Seu papo é bom

Mas comigo Não cola, não

Não vai me levar pra cama
Já conheço a sua fama

De cupim de coração...

Eita!

Né pra chorar, não?

É pra morrer de chorar!
De alegria, hein?

Ah...

Já é de costume
Cê chega seduz
Depois finge se apaixonar
Tudo à sua maneira

Também descobri

Que tem fama daquele bichinho
Que adora destruir madeira...

Cê pega um coração inteiro
Depois devolve só o pó

Eu não serei sua próxima vítima
Prefiro ficar só...

Eu vou cortar o mal pela raiz
Seu papo é bom

Mas comigo

Não cola, não (não cola, não)

Não vai me levar pra cama
Já conheço a sua fama

De cupim de coração...

(LIMA; CUCA; MORENO, 2019).

Essa música conta a história de uma

mulher que é procurada por um homem a fim de que se estabeleça um relacionamento. Contudo, sabendo da fama do rapaz, que finge se apaixonar para ludibriar suas amantes, ela retruca o pedido, conceptualizando linguístico- cognitivamente esse “paquerador” através da imagem simbólica de um ser vivo da natureza, no caso, o cupim. Nesse sentido, é estabelecido no tecido textual acima um verdadeiro nicho metafórico (VEREZA, 2007, 2010) no qual a linguagem figurada é utilizada tanto para entrelaçar a significação, dando coesão e coerência a canção, quanto para transmitir as emoções contidas nessas mensagens, que em suma, quer sinalizar aos seus ouvintes: tenha muito cuidado antes de abrir o seu coração para alguém.

Figura 4 – Joelma no videoclipe de “Cupim de Coração”



Fonte: Youtube (2023).

Cantando sobre um homem “perigoso”, Joelma diz: “Cê chega seduz / Depois finge se apaixonar / Tudo à sua maneira / Também descobri / (1) Que tem fama daquele bichinho / Que adora destruir madeira...”. Neste trecho, está clara a conceptualização metafórica SER HUMANO É UM CUPIM em (1) pois uma das mensagens principais sobre o sujeito “paquerador” que a canção busca empreender é que ele se compara com um mesmo ser vivo da natureza que corrói madeira, o cupim.

No próximo parágrafo, no trecho “(2) Cê pega um coração inteiro / Depois devol-

ve só o pó / Eu não serei sua próxima vítima / Prefiro ficar só...” é possível apontar em (2) há a atuação cognitivo-discursiva da metáfora SER HUMANO É MADEIRA já que, socio-cognitivo- discursivamente, ela se entrelaça com a metáfora anterior SER HUMANO É UM CUPIM, o elemento ontológico que será destruído por um dos amantes, o cupim, é o coração, que no caso em tela é destrutível, se a pessoa desejada aceitar se relacionar com aquele que a paquera. A canção se desenvolve, em tese, a partir dessas duas metáforas superordenadas que vão tecendo, numa costura verbo-textual, o sentido a ser transmitido para os ouvintes dela.

Como visto na análise dos ambos os produtos textuais socioculturais selecionados como corpus deste trabalho, a figuratividade mostrou-se como um instrumento sociocognitivo de empreendimento de intencionalidades discursivas. Reunindo em uma única letra musical, por exemplo, diversas metáforas a fim de que os seus compositores disponibilizem a seus intérpretes canções com todas as cargas enciclopédicas (fatores sensoriais, emocionais, históricos etc.) implantadas para que os seus os ouvintes assim as compreendam, as corporifiquem e as tomem para as suas vidas.

Dado o exposto, concluímos que a metáfora funcionou para a cantora Joelma como um verdadeiro microfone de múltiplas emoções, levando os seus espectadores a diversas experiências subjetivas ao ouvirem ela cantar as músicas “Eclipse Total” e “Cupim de Coração”.

Considerações Finais

“É essa guitarra galera, que faz o sucesso da nossa música paraense, isso é Calypso!” canta Joelma no DVD Banda Calypso Ao Vivo em São Paulo (2003), esse era o começo de uma grande carreira de uma artista brasileira que faz questão de trazer em seus

shows performances, figurinos, decorações que evidenciem traços que busquem valorizar as imagens de sua terra natal: norte do país e o estado do Pará.

Estimulado pela relevância da expressão do ritmo do Calypso para a formação da identidade cultural brasileira, este trabalho procurou aferir se nas canções interpretadas por Joelma a metáfora colaborou cognitivo-discursivamente para que ela conseguisse passar para os seus ouvintes o conteúdo conceptual das mesmas. Através da análise realizada observamos que metáforas tais quais SENTIMENTO É UM SER HUMANO, PENSAMENTO É UM ESCONDERIJO, PAIXÃO É UM FENÔMENO DA NATUREZA, SENTIMENTO É UM OBJETO, SENTIMENTO É UMA SUBSTÂNCIA VENENOSA, SER HUMANO É UM CUPIM e SER HUMANO É

UMA MADEIRA foram utilizadas nesse objetivo, funcionando para a referida cantora como um verdadeiro microfone transmissor efetivo tanto de intencionalidades discursivas como de emoções, sentimentos, pensamento cultural compartilhado e corporeidades.

Compreendendo que os estudos atuais em figuratividade anseiam por reflexões que procurem jogar em tela corpora retirados da linguagem em uso, este trabalho buscou trazer uma contribuição para essa linha de pesquisa, traçando o perfil da metaforicidade como instrumento linguístico-discursivo de empreendimento e difusão de conhecimentos.

Referências

ABREU, B. Metáfora e emoção: sobre a conceptualização em língua portuguesa. Tese (doutorado) Universidade do Vale dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.

CAMPOS, J. Joelma: entre olhares. 2. ed. Goi-

ânia: Visão, 2017.

FREITAS, A. Um estudo sobre o figurino da cantora Joelma Mendes: a cultura musical paraense e suas influências. Anais. 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda, 2016. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20%202016/COMUNICACAO-ORAL/CO-07-Figurino/CO07-A-CULTURA-MUSICAL-PARAENSE-ESUAS->

INFLUENCIAS.pdf. Acesso em set. 2022.

KOCH, I. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Veredas - Revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora: UFJF, v. 6, n. 1, pp. 29-42.

KÖVECSES, Z. Metaphor in culture: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JACOMÉ, P.; PRADO, D.; AZEVEDO, R. Descarga acústico-visual e temporalidades em cena: a fundação de uma tradição pela Banda Calypso. Galaxia, Especial 1 – Comunicações e Interfaces Historicidades, p. 47-60, 2019.

JOELMA. Isso é Calypso Tour 2022-2023. Disponível em: <http://joelmaoficial.com.br/>. Acesso em: Jan. 2023.

LAGO, M. P.; SOUZA, C. S.; FERREIRA, E. C. Cinesia Joelma: trajetórias & corporeidade da expoente do movimento calypso brasileiro. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. 2019.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LIMA, C.; CUCA, E.; MORENO, R. Cupim de Coração. Letras.mus.br, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/joelma/cupim-de-coracao/> Acesso em jan. 2023.

SANTO, B. O papel da metáfora no desdobramento textual de músicas gospel: uma análise à luz da Semântica Cognitiva. *Re-unir*, v. 8, n. 1, p. 135-150, 2021.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas. Juiz de Fora*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-23, jul. 2015.

SOUSA, A. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. In: ALMEIDA, A.; SANTOS, E. (Orgs.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.

SULLIVAN, M.; RICARDO, P. *Eclipse Total*. *Letras.mus.br*, 2007. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/banda-calypso/893072/> Acesso em jan. 2023.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. 2003[1999].

VEREZA, S. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, S. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.

Submissão: fevereiro de 2023.

Aceite: maio de 2023.